

TRANSCRIÇÃO

DU GUAY TROUIN E UM AVÔ DE BOGAGE

João Ribeiro

Pouca gente conhece o ofício da intimação de Du Guay Trouin, ao tomar de assalto o Rio de Janeiro, fez chegar ao governador da cidade. Ei-lo aqui no seu texto autêntico:

Monsieur.

Le Roi mon maître voulant tirer raison de la cruauté exercée envers ses officiers et ses troupes que vous fites prisonniers l'année passée, et Sa Magesté étant informée qu'après avoir fait massacrer les chirurgiens, auxquels vous aviez permis de descendre à terre pour panser les blessés, vous avez encore laissé perir de faim et de misère ce qui restait de ses soldats, les retenant en captivité contre le cartel d'échange passé entre les deux couronnes de France et du Portugal, Elle m'a ordonné d'employer ses vaisseaux et ses troupes pour vous contraindre à vous remettre à sa discrétion, à me rendre tous les prisonniers français, et à faire payer à tous les habitants de cette colonie une contribution suffisante pour les punir de leus inhumanité, et de dedommager Sa Majesté de la dépense d'un armement aussi considérable.

Je n'ai point voulu vous sommer de vous rendre que je ne me sois vu en état de vous forcer, et de réduire votre ville et votre pays en cendres, si vous ne vous rendez à la discrétion du Roi, qui m'a commandé d'épargner ceux qui se soumettront de bonne grâce, et qui se repentiront de l'avoir offensé dans la personne de ses officiers et de ses troupes. Cependant j'apprends que l'on a fait assassiner M. Du Clerc, qui les commandait; je n'ai point encore voulu user de représailles sur les Portugais qui sont tombés en mon pouvoir, l'intention de S. Majesté n'étant pas de faire la guerre d'une manière indigne d'un roi très chrétien; je veux croire même que vous avez trop d'honneur pour avoir participé à ce honteux massacre. Mais ce n'est pas assez. Elle veut que vous m'en nommiez les auteurs, pour en faire un châtiment exemplaire. En sorte que si vous différez d'obéir à sa volonté, tous vos canons, vos barricades et votre nombreuse multitude n'empêcheront pas que je n'exécute ses ordres, et que je ne port le fer et le feu dans tout l'entendue de ce pays. J'attends votre réponse; faites-la moi prompte et décisive, autrement vous connaîtrez que si jusqu'ici je vous ai épargné, c'était pour m'épargner à moi-même l'horreur d'envelopper les innocents avec les coupables. Je suis, et coetera"

Ainda está para ser escrita com serena imparcialidade a página de nossa história em que foi o Rio de Janeiro surpreendido pelo famoso *raid* de Du Guay Trouin.

Não era bem de surpresa o sentimento que despertara o ímpeto do ousado flibusteiro.

Não sei que tremor vulcânico convulsionava então as terras de beira-mar da colônia. Rompiam motins na Bahia e Pernambuco ardia com a guerra sangrenta dos mascates.

Sabia-se alguma coisa dessa premeditada vingança contra os assassinos misteriosos de Du Clerc. Tudo se podia esperar do ódio político e da vaidade do Rei-Sol, quando começava a fulgir a estrela de Villars. Os ingleses que tanto haviam sofrido mandaram aviso a Lisboa.

A investida anterior, de Du Clerc, tinha sido um desastre e deixara no Brasil uns seiscentos prisioneiros, entregues quase sem luta por inépcia do seu capitão.

A cidade esperava que a mesma tática de inação se repetiria com Du Guay Trouin, e que a inércia bastaria para vencê-lo. Du Guay Trouin, porém, tinha longa experiência de guerra e juntava à ousadia de ação a astuta rapidez dos golpes. Ao sair da Europa conseguira enganar os ingleses frustrando o bloqueio de Brest; já na altura da Bahia quis investir a cidade, não o fazendo por escassez de víveres; e chegando ao Rio logo varou o porto sob o fogo das fortalezas e imobilizou a frota portuguesa em poucas horas posta fora de combate.

Du Guay Trouin escreveu um livro curioso, a *Vie de monsieur Du Guay Trouin écrite de sa main*, que teve várias edições, em espanhol, de Madrid, 1711, no original francês, de Paris, 1712, e outras. São todas essas edições, antigas e novas, um pouco defeituosas, porque o manuscrito existia em imperfeitas cópias e era preciso colecioná-las. Só agora foi publicada a edição definitiva aproveitadas as condições várias, e esse trabalho devemos a Henri Malot, na impressão atual, de 1922.

Da vida tempestuosa e acidentada de Du Guay Trouin o que mais nos importa é a relação da empresa de 1711 contra a cidade do Rio de Janeiro. A entrada não foi disfarçada sob o nevoeiro nem tão fácil quanto se podia depreender dos nossos livros de história. Sob o fogo da prodigiosa artilharia das fortalezas e dos navios de guerra portugueses que se colocaram de través para impedir a entrada dos franceses, teve Du Guay Trouin trezentos homens fora de combate.

Estava sempre na vanguarda o bravo cavaleiro de Goyon que logo ocupou à viva força a ilha das Cobras. Nas versões internacionais essa ilha figura com apelidos deturpados. No tempo da questão religiosa lá esteve preso o bispo do Pará e o mundo católico se consternava ao saber que o alto dignitário da Igreja, por maior martírio estava recluso na terrível *île des Serpents*. Du Guay Trouin cometeu outra deturpação do nome. Naturalmente leu em alguma carta marítima — *Ilha das Cabras* — erro tipográfico de pequena monta. Assim que ele sempre fala da *île des chèvres*, (enfim, de *bestiis non disputandum*).

Da Ilha das Cobras passaram todas as tropas a terra firme; o resto é mais ou menos sabido, o bombardeio à noite, a trovoadas que ainda aumentou o tumulto, lançou o pânico nos habitantes da cidade que, todos, abandonaram, levando o que possuíam. O terror contagiou a tropa que recolheu para as montanhas e florestas distantes. Du Guay Trouin ficou inteiro senhor da cidade.

Antes desse golpe decisivo conta Du Guay Trouin a história do estratagema e insídia preparada contra os franceses por um Du Bocage natural da Normandia que se fizera naturalizar português e no momento comandava um dos navios portugueses que ele próprio fizera saltar aos ares, na esperança de o conservar.

É curiosa a aventura do marinheiro. Este Du Bocage, em terra, passou a guardar as baterias do São Bento, e, disfarçado em marujo francês (e na verdade bem o era) deixou-se encarcerar como suspeito de mistura com algumas sentinelas avançadas de Du Guay Trouin e dessas conseguiu obter informações sobre a situação real dos assaltantes. Como o pêssego “tomado melhor em terra alheia”, Du Bocage, enjambrando umas calças de matalote e tesourando as suíças, havia o intento de seu insidioso propósito. O resultado desse estratagema foi o infeliz assalto dos portugueses contra as forças do cavalheiro de Goyon, postadas numa colina. A arremetida degenerou em revés. Para precipitar de um lance a aventura, Du Guay Trouin, por um tambor, fez chegar ao governador Castro Moraes a carta em que o intimava a render-se.

O governador, como é sabido, adjurou que defenderia a cidade “até a última gota de sangue”, fanfarrice que acabou na mais ingloria fuga. A filosofia do governador era que a cidade melhor entendida era a própria pele, e assim metendo-se pelos mangues dentro, foi parar à Iguaçú.

A justiça manda dizer que a resistência já então sendo impossível, sem frota, sem artilharia, toda ela em poder do inimigo que se apossara de todas as baterias e fortalezas, a guerra seria um sanguinolento e vão sacrifício que se havia de ajuntar à terrível pilhagem já consumada nas casas e nas igrejas.

Du Guay Trouin fez o possível para evitar o saque da soldadesca; adotou, porém, um método novo e prático: conseguiu um pouco tarde armazenar os bens dos habitantes a quem os entregou mediante resgate. Era apenas questão de preço honesto como se diz nos restaurantes da Itália e S. Paulo. Couro e cabelo.

Depois de chegar à França foi cortejar o Rei que o premiou com a “cornette”, isto é, o pavilhão de chefe de esquadra.

A edição da biografia de Du Guay Trouin foi agora publicada, não sem alguma ênfase, na “Collection des Chef-d’oeuvres méconnus”. Não é certamente obra-prima, mas é um documento valioso da história.

Aquele Gillet Du Bocage de quem falamos foi o pai de uma Dona Mariana Du Bocage, mãe do famoso poeta da Arcádia Portuguesa. O avô de Elmano que figura na frota do Maquinez, originava-se de uma família de Rouen e cercanias, da qual nasceram vários poetas franceses de alguma notoriedade. Uma mulher desta família, Mme. Du Bocage, foi a autora do poema **Colombiade**, que o poeta tentou verter para a nossa língua. Outros membros da família, Fiquet de Bocage, foi tradutor de coisas inglesas. Elmano, por sua vez, foi tradutor insigne. Parece que as musas melhor que Marte sorriram à boa fortuna dos Bocages.

(**Revista do Brasil**, nº 82, outubro de 1922, págs. 106/9. São Paulo. Reprod. no livro **Colméia**, São Paulo, Empresa Gráfica Monteiro Lobato, 1923.)

*
* *